

Vítimas de exposição ao amianto vão à Justiça

Trabalhadores dizem que ficaram doentes em contato com o mineral e querem ser indenizados

HELIANA NOGUEIRA

As vítimas de doenças provocadas pelo amianto em Osasco, Grande São Paulo — onde funcionou até 1990 a fábrica de produtos de fibrocimento Eternit —, decidiram entrar na Justiça com pedido de indenização contra a empresa. Um total de 150 ex-funcionários se reuniram sábado, durante assembléia da Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (Abrea), na sede do Sindicato dos Empregados no Comércio de Osasco.

"Treze trabalhadores já entra-

ram com ações por ter adquirido abestose (fibrose pulmonar causada pelo amianto)", informou o presidente da Abrea, Fernando José Chierici, de 56 anos. "Ao todo, são 77 casos diagnosticados."

Chierici trabalhou na Eternit entre 1966 e 1975. Durante cinco anos, segundo ele, trabalhou em contato direto com o mineral. "A empresa não oferecia nenhum tipo de proteção", garante. "Não havia nenhum equipamento." Outra vítima que entrou na Justiça, Otávio Gondalino, de 71 anos, diz que já apresentava problemas respiratórios quando se aposentou, em 1982. "A Eternit fazia radiografias dos funcionários, mas nunca me disseram nada sobre o problema."

Gondalino soube ser portador de asbestose no ano passado, du-

rante pesquisa realizada com 450 ex-funcionários, coordenada pela engenheira Fernanda Giannase, do Ministério do Trabalho, que atua na fiscalização na área de Segurança e Saúde do Trabalhador. "A empresa ia matando a gente aos poucos lá dentro", afirma Gondalino. "O pior é que sabiam disso."

Segundo o presidente da Eternit, Antonio Luiz Aulicino, também presidente da S.A. Mineração do Amianto (SAMA), a Eternit antecipou todos os tipos de controle aos riscos de exposição ao amianto a partir de 1978. "A empresa é um modelo dentro do INSS", afir-

mou Aulicino. Ele disse ainda que o diagnóstico de asbestose é complicado e deve ser feito por especialistas. "É preciso separar bem o que é um oba-oba do que é uma

coisa real", afirmou. "Não sou médico, mas acredito que não se pode considerar asbestose qualquer tipo de alteração pulmonar." Aulicino acrescentou não ter, até o momento, nenhum diagnóstico claro de asbes-

tose em Osasco.

A Abrea também enviou à presidência da Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa de São Paulo o pedido de realização de audiência pública para elucidação

**AULICINO:É
PRECISO SEPARAR
OBA-OBA DE
COISA REAL'**

dos fatos que culminaram com os casos de doenças profissionais causadas pelo amianto na Eternit de Osasco e de apuração das responsabilidades. A associação também solicita que sejam informados o número de casos de benefícios concedidos por doenças causadas pelo amianto no Brasil.

Os interessados em obter informações sobre os riscos do amianto e seu histórico em outros países podem acessar a Rede Ban-Asbestos, na Internet. Criada por uma organização não-governamental (ONG), da qual participa a engenheira Fernanda, o endereço na rede é giannasi@dialdata.com.br. "Trata-se de uma rede de pessoas que tem conhecimento do problema e se reuniram para discutir-lo, em várias partes do mundo", explica Fernanda.